

SEÇÃO ARTIGOS

O espaço coisificado:
(d)escrevendo a Colônia tropical¹

The thingly space:
writing the tropical Colony

El espacio cosificado:
(d)escribiendo la Colonia tropical.

DOI: <https://doi.org/10.22409/eg.v12i25.66168>

 [Gabriel da Cruz Nascimento](#)²

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Minas Gerais, Brasil

e-mail: gdacruz.n@outlook.com

Resumo

Nesse ensaio, busco tensionar a proposta lefebvriana de produção do espaço a partir da métrica epistemológica da colonização, apresentando a noção derivada de produção colonial do espaço. Para tanto, faço uso da ideia de escrita (e seu duplo, a descrição) como um movimento de produção semântica de uma determinada ordem de dominação material e simbólica. Trato, especialmente, da colônia brasileira, evocada por seus principais processos produtivos: a *plantation*, a escravização e desumanização de pessoas e da organização logística que posiciona corpos, lugares e seres inanimados no léxico logístico do capital. Esse movimento tem o objetivo de resgatar as origens epistemológicas modernas da noção de espaço para, então, articular uma possibilidade de fissura, a saber, a fuga.

Palavras-chave

Colonização; Produção do espaço; Desigualdade socio-espacial; Fuga; Quilombismo.

¹ Uma versão resumida desse texto foi apresentada na coletânea *Utopias Globais*, a ser publicada no ano de 2025 pela Universidade de Lisboa.

² Arquiteto e urbanista formado pela Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestre em urbanismo pelo NPGAU/UFMG. Faz parte do grupo de pesquisa CRITICAR e MANGUEZAL/LAB.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Gabriel da Cruz. O espaço coisificado: (d)escrevendo a Colônia tropical. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 12, nº 25, e122521, 2025.

Submissão em: 13/01/2025. Aceito em: 16/07/2025.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Abstract

In this text, I aim to challenge Lefebvre's proposal of the production of space by examining it through the epistemological framework of colonization, presenting the derived notion of the colonial production of space. To this end, I draw on the concept of writing (and its counterpart, description) as a movement of semantic production tied to a specific order of material and symbolic domination. I focus particularly on the Brazilian colony, analyzed through its primary productive processes: the plantation, the enslavement and dehumanization of people, and the logistical organization that positions bodies, places, and inanimate entities within the logistical lexicon of capital. This movement aims to recover the modern epistemological origins of the concept of space to, thus, present a possibility of resolution, namely, the escape.

Keywords

Colonization; Production of space; Sociospatial inequality; Scape; Quilombismo.

Resumen

En este texto, me propongo cuestionar la propuesta de Lefebvre sobre la producción del espacio, examinándola a través del marco epistemológico de la colonización y presentando la noción derivada de la producción colonial del espacio. Para ello, recurro al concepto de escritura (y su contraparte, la descripción) como un movimiento de producción semántica ligado a un orden específico de dominación material y simbólica. Me centro particularmente en la colonia brasileña, analizada a través de sus principales procesos productivos: la plantación, la esclavización y deshumanización de personas, y la organización logística que posiciona cuerpos, lugares y entidades inanimadas dentro del léxico logístico del capital. Este movimiento busca recuperar los orígenes epistemológicos modernos del concepto de espacio para, así, presentar una posibilidad de resolución, a saber, la fuga.

Palabras clave

Colonización; Producción del espacio; Desigualdad socioespacial; Fuga; Quilombismo.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Gabriel da Cruz. O espaço coisificado: (d)escrevendo a Colônia tropical. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 25, e122521, 2025.

Submissão em: 13/01/2025. Aceito em: 16/07/2025.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Inventando o espaço

Figura 1 – Floresta Virgem do Brasil



Fonte: Clarac (1822). Presente no acervo Itaú Cultural.

A luz e a sombra permitem a diferenciação dos elementos na gravura: o maciço de vegetação toma sua forma pela distinção entre a textura e tamanho das folhas, espessura e altura dos troncos e as formas dos cipós. A correnteza do rio satura-se nos tons, recebe diretamente os raios de luz que perfuram as copas e que são refletidos com menor intensidade no restante da paisagem. Nela, três figuras hominídeas e um animal são representados próximos ao centro. Seus corpos confundem-se em pureza com a mata. Todas as partes tomam forma pelo mesmo gesto: o toque da luz e o jogo bipolar de branco e preto, derivado da técnica da gravura. O título da obra faz com que nos situemos no momento exato de seu nascimento: uma visada primeira, sobre um lugar ainda *virgem*. As três figuras presentes — indígenas — parecem não interferir

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Gabriel da Cruz. O espaço coisificado: (d)escrivendo a Colônia tropical. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 25, e122521, 2025.

Submissão em: 13/01/2025. Aceito em: 16/07/2025.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

na sacralidade do cenário, afinal, mais uma vez, a “Floresta virgem do Brasil”³ confere uma qualidade casta a tudo que a compõe.

Ainda que imaculada, há um resíduo negativo na sacralidade da mata. No momento de sua representação, sua virgindade já foi roubada e o enquadramento da figura nos aloca justamente nessa posição degeneradora. A gravura carrega em si uma inversão — é quem olha para a mata que produz, num mesmo movimento, o sagrado da floresta e sua profanação. Esse *cosmos*, ainda virgem, representa o evento em que a “floresta selvagem”⁴ é tocada pelo gesto colonizador, momento esse em que a própria mata passará a ser assombrada pela colônia.

O que me interessa na gravura é sua capacidade de ilustrar o espaço enquanto uma categoria moderna, cuja operabilidade é indissociável do evento colonial. Ao destacarmos quem vê e não mais o que é visto, nossa análise nos coloca junto ao olhar colonizador. Percebemos, então, o movimento de objetivação e objetificação da matéria que, até então, integrava-se a uma cosmogonia outra. Esse *olhar*, gesto colonial primevo, é uma forma radical e ampliada de se pensar aquilo que Fanon (2020) desenha como “coisificação”. Para o autor, a alegoria hegeliana do senhor e do escravo articula uma posição essencialista-negativa, ou seja, uma posição estática, onde determinada consciência infere à outra sua determinação ontológica. A crítica fanoniana busca, a partir disso, restituir a dialética na relação de dominação traçada por Hegel, dissolvendo a cena negativa quando o escravo afirma e positiva sua ontologia.

Aqui, busco também refratar sua crítica, direcionando-a não só ao corpo negro, coisificado, e, por isso, deslocado da produção da historicidade pelo *Geist*, mas também ao gesto — olhar — colonial. Munidos dos olhos do colonizador de Clarac (1822), acompanhamos a produção ampliada da coisificação, derramada sobre toda a matéria tropical — seus seres animados e inanimados, seus corpos, minerais, rios e rochas. Este texto começa no momento em que a (re)produção do sentido ocidental toca a floresta, situando-a na margem das coisas afetáveis, heterodeterminadas. Esse olhar, que coisifica tudo aquilo que vê, se envereda no ritual moderno frenético e neurótico de batismo e nomeação.

³ Presente no acervo Itaú Cultural. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/110773-floresta-virgem-do-brasil>.

⁴ Termo usado por Locke (1947 [1690], p. 139) para (d)escrever a América como terra que, até a chegada inglesa, permanecera no estado de “natureza”.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Gabriel da Cruz. O espaço coisificado: (d)escrevendo a Colônia tropical. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 12, nº 25, e122521, 2025.

Submissão em: 13/01/2025. Aceito em: 16/07/2025.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Escrevendo o espaço

Podemos sombrear aqui as noções de “nome” e “categoria” recorrendo à etimologia do segundo termo. Heidegger aponta que a da palavra “categoria” vem de *katégoristhai*, que quer dizer “acusar publicamente” (Heidegger, 1968, p. 199-200). A palavra “publicamente” tem grande importância: a categoria é uma acusação pública que, então, corre o risco de ser reconhecida ou rejeitada — é o ato social de nomeação. Pierre Bourdieu (2020) em seu curso introdutório de sociologia no Collège de France, desenvolverá a noção de “categoria” como uma espécie de nome, um batismo consagrado nas práticas sociais, cujo sentido vai de encontro à sua etimologia. O ritmo da marcha colonial é ditado pelo movimento de batismo. Não há indígena, território, negro ou *floresta virgem* até que a ordem simbólica que dita essas categorias tome algum referente material como tal. No olhar do colonizador, munido das categorias, nomes e artifícios políticos que o estruturam, está o embrião da barbárie colonial. Basta lembrarmos de Barthes (1979, p. 148), para quem a postura epistemológica ocidental busca “transformar a qualquer preço o fato em ideia, em descrição, em interpretação, em suma, achar-lhe um outro nome além do seu”.

O ritual de batismo toponímico colonial tem seus artifícios: a organização abstrata do espaço, o desenvolvimento da cartografia e a representação do território de acordo com suas potencialidades econômicas. Com vistas a definir regiões de exploração, ocupação e os limites políticos-administrativos, a escrita colonial não só permitiu a dominação virtual de todo o espaço da colônia, como também o inseriu em uma cadeia de conexão entre corpos, territórios e formas de consciência articulados globalmente. O espaço tropical-colonial seria, então, mutilado em sua totalidade, reduzido a um léxico simbólico operável pela normatividade jurídica e condenado à subordinação político-econômica. A imputação das condições materiais de produtividade e inserção das regiões coloniais nos circuitos econômicos globais que nasciam junto ao mercantilismo reescreveria a ordem de existência desses territórios e dos grupos que os ocupavam até então.

A colônia é, por essência, um experimento de nomeação e escrita moderno. O projeto epistemológico moderno alocou a razão como a arena da história, e converteu o mundo no produto da trajetória do *Geist*, entidade cujo movimento dialético interno (autodeterminação)

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Gabriel da Cruz. O espaço coisificado: (d)escrevendo a Colônia tropical. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 12, nº 25, e122521, 2025.

Submissão em: 13/01/2025. Aceito em: 16/07/2025.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

resolveria as contradições que assombravam a filosofia ocidental desde o iluminismo: forma e conteúdo, essência e existência, causa e feito. O sujeito de conhecimento consolidado pela modernidade é aquele que reconhece sua diferença intrínseca em relação ao mundo (externalidade) e, para tanto, precisa se deslocar para fora de si mesmo se deparar com sua própria negação. Nesse movimento, o único artefato preservado é a razão em sua capacidade de mapear, identificar e organizar os fenômenos e as coisas que excedem o sujeito de conhecimento. É ao recuperar seu negativo e dentro de sua interioridade que o projeto de autodeterminação e liberdade política consolida-se. O absoluto hegeliano toma o universal enquanto uma pretensão estática: um movimento do espírito (*Geist*) sobre si mesmo e sobre aquilo que lhe é externo, uma espécie de epopeia em uma direção só, à uma conciliação final e determinada — o absoluto.

O regime de historicidade deflagrado pelo avançar do *Geist*, entidade representativa da coletividade ocidental, permitiu o surgimento de um tipo específico de consciência histórica e exigiu a construção de categorias para que os territórios coloniais fossem inscritos na sua trajetória. Constructos políticos-científicos como a nação, a cultura e a etnia tratariam de coisificar, separar e posicionar o que quer que fosse encontrado na colônia em uma escrita temporal de uma certa coletividade. Em outras palavras, com sua forma e conteúdo vivos, vontade e capacidade de ação, o espírito hegeliano diferenciou-se do projeto epistemológico kantiano — uma espécie de formalismo puro ou morto, se nos for permitido um resumo direto. A razão não mais seria uma guia que conduz o sujeito de conhecimento à liberdade, mas sim a própria liberdade, reescrita pelo *Geist* como autodeterminação. O sujeito livre é aquele que pode debruçar-se sobre o real e engolfá-lo em um esquema de sentido que possui, como efeito, tanto a capacidade de determinar direção da história quanto de reconhecer e descrever tudo aquilo que não é capaz de autodeterminação.

A colônia, portanto, trata-se de uma categoria política, necessária para a escrita daqueles territórios, que até então situavam-se fora do regime da historicidade, na própria história. Afinal, como nos lembra o poeta simbolista brasileiro Cruz e Souza (1982, p. 86), “os utensílios da escrita são extraordinários, o jogo da frase é poderoso”. O que me interessa nesse começo de exposição é arranjar os termos para um debate sobre a *produção do espaço*: antes de se falar

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Gabriel da Cruz. O espaço coisificado: (d)escrevendo a Colônia tropical. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 25, e122521, 2025.

Submissão em: 13/01/2025. Aceito em: 16/07/2025.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

sobre a produção econômica e política do espaço, donde partem-se muitas das deduções atuais no campo dos estudos urbanos, é preciso termos atenção sobre as condições de existência política do espaço. O que permite o espaço ser a matriz de reprodução da desigualdade social que observamos nos países que experimentaram a forma política colonial? Ainda que a nomeação permita a escrita política, simbólica e a incorporação das novas terras ao sistema-mundo, restaria ao projeto colonial ainda terminar o processo de metamorfose dessas regiões para seu avanço. Se os objetivos deste texto não me permitem um desenvolvimento minucioso dessa questão, pode-se apresentar brevemente um feixe por meio do qual interpretá-la.

Um dos efeitos do mapeamento e da escrita colonial foi a de que os territórios coloniais passaram a compor, virtual ou concretamente, uma rede integrada de abastecimento global. No caso brasileiro, o povoamento foi melhor sucedido onde tiveram êxito as atividades produtivas voltadas à exportação. Consideremos a distribuição de pessoas escravizadas pelos portos de Recife, Salvador e do Rio de Janeiro — pontos de descarga de tumbeiros vindos de África, com intuito de fazer avançar a dominação colonial do território da colônia. Ainda, as companhias portuguesas de seguros do tráfico negreiro e as disputas históricas pela distribuição e comercialização do açúcar⁵. Tudo isso são conexões em uma cadeia de valor global criada por banqueiros, donatários de terras, políticos e traficantes de pessoas escravizadas. Com a empresa colonial, a América passaria a integrar a economia reprodutiva europeia. Técnicas e capitais seriam permanentemente invertidos em seu território de modo a criar um fluxo de bens destinado ao mercado europeu⁶. Formar-se-ia um pequeno mercado de consumo agrícola local e os criadores de gado teriam certo protagonismo no mapeamento das baixadas interiores à faixa litorânea, dadas as exigências da atividade pecuária (Furtado, 2007). As missões jesuítas e as rotas bandeirantes tratariam de fixar os principais trajetos para escoamento das mercadorias mais afastadas até os portos de distribuição.

Na confecção do mapeamento colonial, as teorias de administração buscaram desenvolver os instrumentos, noções, conceitos e categorias que dariam forma à uma estrutura logística otimizada à divisão internacional do trabalho e do lucro colônia-metrópole. Na

⁵ Cabe assinalar que o texto, nesse aspecto, enfatiza a colonização da América portuguesa.

⁶ Ver Furtado, Celso. **A formação Econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Gabriel da Cruz. O espaço coisificado: (d)escrivendo a Colônia tropical. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 25, e122521, 2025.

Submissão em: 13/01/2025. Aceito em: 16/07/2025.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

América Caribenha, o advento do *gang system* marcaria a consolidação de uma tecnologia social de gerenciamento da população escrava⁷. Esse modelo de organização, produção e controle na *plantation* centro-americana alimentava também os modelos de representação da terra cultivada, sua abstração e divisão lógica. Jacques-François Dutroné (1801), autor que se ocupou da produção açucareira caribenha, chegaria a confeccionar uma tabela para otimizar o controle da produtividade e manejar o adoecimento da população escravizada, ao passo em que seriam também observados índices pluviométricos do arado, a quantidade plantada de partidos de cana, seus cortes e as substâncias empregadas no trato da terra. No que compreendemos hoje como o Brasil, as primeiras teorias da administração desenvolveram-se a partir da doutrina cristã-jesuítica de conversão das populações indígenas locais ou africanas, sistema que evoluiu na segunda metade do século XVIII para o que veio a ser a Carta de Lisboa — inventário das condições econômicas e físico-naturais do atual estado da Bahia.

Interessa-me, nesse exercício, a concatenação entre o jogo de nomeação — a construção do sentido — necessariamente alavancada pelo evento colonial e o projeto político estruturado por seus pilares, a saber, a liberdade e a autodeterminação. A terra e as populações indígenas (locais ou em diáspora) foram, num exercício de logística e gerenciamento, individualizados, fragmentados e desmaterializados, submetidos permanentemente aos paradigmas das teorias da administração e ao léxico estatístico. Nesse movimento, o espaço deveria, cada vez mais, ser apreendido nas formas abstratas da representação moderna e da violenta arquitetura jurídica e econômica que elas sustentam, num movimento em que se confundem a abstração e a coisa-mesma, ou, para usar os termos da pensadora brasileira Denise Ferreira da Silva (2019), na aproximação entre a abstração e a *matéria bruta*⁸. A escrita colonial, ao produzir-se, deveria dissimular sua própria história, fazer com que se fundissem mundo e *logos*. É essa escrita que permite que o espaço seja realizado enquanto categoria moderna e mutilado (determinado) em suas formatações jurídicas (propriedade privada) e econômicas (forma-mercadoria).

⁷ Collins. **Practical rules for the management and medical treatment of Negro slaves in the sugar colonies**. Vernor and Hood; London, England, 1803.

⁸ O termo “bruto” foi apresentado em Silva, Denise Ferreira da. Em estado bruto. **ARS** (São Paulo), [S. l.], v. 17, n. 36, p. 45-56, 2019. Já na apresentação do texto, a autora explica que o termo se trata de um direcionamento ao exercício de des-pensar o mundo, isto é, libertar a matéria do sentido embutido nela pelos pilares ontoepistemológicos modernos e sua reprodução.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Gabriel da Cruz. O espaço coisificado: (d)escrivendo a Colônia tropical. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 25, e122521, 2025.

Submissão em: 13/01/2025. Aceito em: 16/07/2025.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

A partir desses aspectos, a escrita colonial submete corpo-mercadoria e terra-mercadoria a uma forma dupla de sujeição: a mediação contratual e a mediação pelo título de propriedade. Se na dominação trabalho-capital o cálculo da mais valia subentende a reprodução orgânica da força de trabalho, ou seja, subentende as funções biológicas do corpo trabalhador, a dominação mercadoria-capital ocorre sob a extração absoluta do valor. Nesse processo, o cálculo do mais-valor na *plantation* não considera a reprodução orgânica (força de trabalho) a partir da métrica do contrato-salário, mas sim a partir do gerenciamento de seu papel na linha produtiva açucareira — caldeiras, motores hidráulicos, animais de tração, escravizados, ferramentas em geral, etc. tudo isso ocupa uma posição, possui um papel, no fluxo produtivo agrícola.

Ainda que uma reinterpretação da ocupação colonial brasileira fuja dos objetivos do texto, o esforço de se pensar a entidade “espaço” e sua interação com a forma colonial exigiu esse breve exercício, para que seja possível perguntar: há sentido em se pensar um mundo, um espaço, um território pós-colonial? A logística ocupou-se da construção da colônia, dos artefatos, dispositivos, em suma, das próteses pelas quais se traduziram as instituições, o pensamento e a palavra na nascente sociabilidade dos trópicos. A manipulação de massas no fluxo capitalista — a extração de recursos vegetais, minerais, o transporte de pessoas e animais, a exportação e importação de matéria prima, de maquinário —, dinâmica através da qual o capital se globalizaria, exigiu e exige um permanente rearranjo dos fatores produtivos, das estruturas de acondicionamento e de suas rotas de escoamento. Não podemos assumir que a posição privilegiada do projeto colonial se dá por sua capacidade de abarcar toda a realidade tropical. De outra forma, é sua própria essência, com sua pretensão universal e escrita abstrata, que o torna totalizante. Visitando o trabalho de Coelho (2024): “a prática colonial é o que leva a expansão da modernidade, prática essa dependente da homogeneização, abstrata, do espaço”.

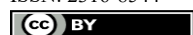
Nesse exercício, resgato o *engenho* como dispositivo estruturante da sociabilidade brasileira, mas não pelo sentido consagrado por Gilberto Freyre em *Casa Grande e Senzala*, a saber, a gestação de uma cultura híbrida, da qual se deriva a democracia racial, responsável por consolidar o que seria a *identidade* brasileira, cujo fruto é o sujeito político que incorporou as formas culturais dos povos dizimados. Busco aqui resgatá-lo enquanto *instituição*: enquanto ente político responsável por consolidar o modelo produtivo-econômico e as formas de política

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Gabriel da Cruz. O espaço coisificado: (d)escrevendo a Colônia tropical. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 12, nº 25, e122521, 2025.

Submissão em: 13/01/2025. Aceito em: 16/07/2025.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

e governança coloniais. É pelo engenho que as categorias de separação social que deflagraram a escrita das terras coloniais nos séculos seguintes são gestadas. Essa dobra histórica me permite antever a lógica social operada na produção colonial do espaço na América Portuguesa — um espaço fronteiriço.

Por uma crítica ao engenho

Para Freyre (2006), a construção da civilização moderna nos trópicos brasileiros é explicada a partir da capacidade do sujeito brasileiro⁹ de assimilar as culturas e raças ditas inferiores. Freyre posiciona o nativo (indígena) como sempre-já “desaparecendo” em seu contato com o colonizador. Isso indica uma obliteração desse Outro cultural e fenotipicamente dispar diante do olhar colonial. Mais que isso, Freyre reescreve o sujeito cultural indígena como um sujeito sem carne e corpo, mas cuja presença cultural começaria a influenciar a divisão sexual do trabalho na história da nação brasileira. É a capacidade da casa grande de fagocitar aspectos do trabalho reprodutivo dos nativos que permite a incorporação de suas características no que viria a ser a sociedade patriarcal brasileira.

A arquitetura do espaço doméstico é por onde Freyre opera a mestiçagem cultural que produziria a singularidade brasileira. A cozinha dissolve o indígena e o materializa nos utensílios e processos, na disposição do ambiente e em sua relação imediata com o pomar e o quintal. Do africano, a cozinha apoiara-se na mão-de-obra feminina para a organização do ambiente. Aqui, sua tese afasta-se da metáfora espacial para, enfim, assumir que a tecnologia política da mestiçagem operou, sobretudo, a partir de estupros e abusos sexuais sobre a mulher negra. Nas páginas de seu conhecido livro, o corpo da escrava negra é tratado como a principal herança africana na escrita do sujeito brasileiro. Outros cômodos da casa grande assumiriam um papel importante, afinal, as práticas de estupro estariam distribuídas entre os quartos das amas de leite e demais ambientes privativos da residência.

Essa tese é sagaz na medida em que o autor contrabalanceia o genocídio colonial na caldeira cultural do engenho. O sujeito nacional incorporaria dimensões culturais dos Outros

⁹ A locução substantiva sujeito nacional é trabalhada por Denise Ferreira da Silva de forma transversal em seus trabalhos, mas especialmente desenvolvida em *Homo Modernus* (2022): trata-se da reescrita do sujeito moderno autodeterminado na instituição política do Estado-nação.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Gabriel da Cruz. O espaço coisificado: (d)escrevendo a Colônia tropical. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 25, e122521, 2025.

Submissão em: 13/01/2025. Aceito em: 16/07/2025.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

da Europa, permitindo assim uma reescrita singular e política do sujeito, aquele com capacidade de autodeterminação histórica. Na casa grande criara-se, assim, as características brasileiras da adaptabilidade, da miscibilidade e da falta de preconceito racial. Em contraponto, no engenho, o senhor da casa é o regente soberano sobre o latifúndio, sobre sua mulher, empregados, escravizados e filhos.

Quais efeitos a estrutura epistêmica e ontológica moderna desencadeava na sociabilidade nascente da colônia? Por quais razões a escrita do sujeito brasileiro obliterou e violentou os corpos das populações subjugadas no projeto colonial, mas os incorporou fastamagoricamente em sua ontologia? Debruçar sobre essas questões significa também se debruçar sobre as bases epistemológicas da escrita do espaço. Em outras palavras, trata-se de mapear o ponto de contato entre episteme e materialidade.

Em seu livro *Lógica Formal, Lógica Dialética*, Henri Lefebvre critica a abordagem filosófica moderna sobre a epistemologia: o autor desloca o foco do debate do conhecimento como problema para o conhecimento como fato. Essa inversão permite entender uma postura clássica da epistemologia moderna e da tradição filosófica que se seguiu: uma separação permanente entre sujeito e objeto. Esse problema basilar exigia, como desdobramento, um esforço de reconexão entre essas as duas partes, desenvolvido sempre a partir de argumentações insolúveis. As correntes de pensamento que se valeram desse gesto na investigação do mundo são lidas pelo autor francês como metafísicas (Lefebvre, 1979). O gesto metafísico, na crítica epistemológica de Lefebvre, é o gesto analítico que separa a parte do todo.

Lefebvre admite a possibilidade de consequências sociais para o pensamento metafísico (pela persuasão ou pela propaganda, ainda que não se possa, nesse caso, afirmar a natureza social do pensamento). Em minha argumentação, sugiro que o gesto analítico de separação, identificado e criticado filosoficamente por Lefebvre, possui, necessariamente, implicações sociais e históricas. Afinal, como argumenta Silva (2022) ao intuir a noção de separabilidade, trata-se de um dos pilares ontopistemológicos da modernidade: fundamento tanto da antropologia biológica e seu projeto de construção dos tipos raciais humanos, quanto dos discursos éticos e políticos que se desenvolveram na constituição do estado-nação. A

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Gabriel da Cruz. O espaço coisificado: (d)escrivendo a Colônia tropical. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 25, e122521, 2025.

Submissão em: 13/01/2025. Aceito em: 16/07/2025.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

separabilidade, dessa perspectiva, é uma noção que denuncia a violência da ordem discursiva moderna e que nos permite entender as formas mais elementares do que vem a ser uma fronteira.

Estou sugerindo que uma análise metafísica se trata de um gesto com reverberações concretas quando fundamenta modelos de sociabilização. Noutras palavras, o gesto metafísico, criticado por Lefebvre, separa o que é indissociável, enquanto a sociabilização informa essa separação, num primeiro momento abstrata, de conteúdo (dotando de sentido uma categoria, um grupo, etc.). A separabilidade, portanto, é um fenômeno da práxis. Ao ler as fronteiras, o que podemos ler são sistemas de separação físicos e simbólicos que se efetivam nas ações de sociabilização de um contexto espacial. Esses sistemas constituem-se, portanto, de constrangimentos construídos desde a historicidade e situados (posicionados) espacialmente. A fronteira, nesse sentido, é produto formatado pelos limites estabelecidos pela história. Considerar isso é admitir que os gestos de separabilidade, marginalização e periferização jamais desvinculam-se das estruturas sociais e históricas de onde nascem. As fronteiras são resultado, portanto, da introjeção e da externalização dessas estruturas por agentes submetidos às mesmas condições de sociabilidade.

Uma fronteira não pode esgotar-se em uma ação expressa do cálculo racional de um agente ou de um grupo socioespacial, mas resulta de princípios inculcados de estruturas sociais duráveis que são absorvidos e reproduzidos num processo de subjugação. Fazendo uma pequena inversão no conceito de *habitus* em Bourdieu, pode-se dizer que em uma fronteira não só a ação de separabilidade é externalizada, mas também os seus efeitos de naturalização são internalizados nos agentes e grupos envolvidos. Esse processo de separação, em suma, consiste nas relações dialéticas entre essas estruturas e as disposições estruturadas nas quais elas se atualizam e que tendem a reproduzi-las, isto é, o duplo processo de interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade (Bourdieu, 2003).

Busco aproximar a ideia de escrita espacial colonial (inserção de uma determinada materialidade na estrutura semântica de significação colonial) ao conceito lefebvriano de produção do espaço. Aponta-se que a significação colonial é o apoio basilar sobre o qual

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Gabriel da Cruz. O espaço coisificado: (d)escrivendo a Colônia tropical. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 25, e122521, 2025.

Submissão em: 13/01/2025. Aceito em: 16/07/2025.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

desenvolve-se o projeto colonial, é a ação epistemicida¹⁰ de redução de todo o fluxo que escapa da lógica de produção capitalista ao seu *modus operandi*. Se pudermos pensar através do olhar colonizador com o qual abrimos o texto, a produção (escrita) do espaço é exatamente o que costura a matéria à realidade social, ou nas palavras de Schmid, ao comentar a teoria social de Lefebvre (2012, p. 92), “o espaço não existe em si mesmo”. Este é o sentido do engenho-instituição: o que está em voga é um modelo produtivo semi industrializado¹¹ que foi responsável pela ocupação colonial da faixa litorânea brasileira, a primeira porção do território da América portuguesa cuja colônia se fixaria. O engenho seria a unidade política responsável por dar continuidade e consistência ao projeto econômico colonial. Seria, em suma, o reduto pelo qual se administraria as terras tropicais. Trata-se, de forma geral, do mecanismo pelo qual se traduziu a abstração da propriedade, dos mapas e do fluxo produtivista coloniais numa ordem de sociabilidade e numa unidade material (território).

A Geografia herdou de Kant a ideia de espaço enquanto um juízo sintético *a priori*, ou seja, um constructo objetivo (externo) e universal, que organizaria o mundo sensível independente da atuação de um sujeito. A categoria espaço, portanto, tratar-se-ia de um objeto inteligível, com existência própria e cujo mapeamento e descrição ocorreria a partir das impressões, técnicas e experiências do sujeito de conhecimento. Há ainda uma tradição nos estudos urbanos e na historiografia das cidades que mistura a epistemologia formal kantiana e a política hegeliana, concebendo o espaço a partir de manobras metodológicas de recorte, que o delimitam como objeto a ser analisado espacial, temporal e fenomenicamente, isolando-o.

Para fissurar a tradição moderna que toma o espaço como externalidade, como um lugar à espera de sua ocupação (ou simbolização), podemos, de início, assumir que a escrita do espaço exige uma relação dupla entre corpo e materialidade, isto é, o corpo que é e produz (escreve) o espaço, suas direções, seu conteúdo e sua estrutura semântica. Concatenar corpo e espaço numa mesma entidade exige que pensemos o espaço juntamente com os corpos (materialidades, sujeitos e epistemes) que o compõem. É possível, novamente, buscar apoio no projeto

¹⁰ O conceito de epistemicídio, central na obra de Sueli Carneiro (2006), refere-se ao apagamento sistemático e deliberado de formas de saber, narrativas e perspectivas de grupos marginalizados, especialmente povos negros e indígenas. Como parte do projeto colonial e de dominação racial o epistemicídio não se restringe apenas à negação de conhecimentos, mas à aniquilação de subjetividades e da legitimidade de outros modos de existência.

¹¹ A noção do engenho como indústria foi desenvolvida por Furtado (2007).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Gabriel da Cruz. O espaço coisificado: (d)escrevendo a Colônia tropical. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 25, e122521, 2025.

Submissão em: 13/01/2025. Aceito em: 16/07/2025.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

lefebvriano para amarrar essa posição, afinal tanto o tempo como o espaço (ambos juízos sintéticos apriorísticos em Kant) assumem, em sua crítica, um caráter social, como resultado e pré-condição da sociedade. Isso é também afirmar que o duplo tempo-espaço não existe de forma universal e que apenas podem ser compreendidos no contexto de uma sociedade (historicidade) específica. A manutenção do espaço enquanto categoria moderna é o que vela o maquinário de reprodução das desigualdades espaciais e dos processos de fronteirização das relações sociais. Afinal, a condição de possibilidade da globalidade é justamente a abstração, a racionalização e a virtualização de todo o espaço que ela mesmo produz. Em texto de sua juventude, Lefebvre assimilaria o seguinte raciocínio sobre o pensamento:

Para cessar de estar nele (no mundo), ele se afirma como dominador, ordenador; quer impor sínteses ou unidade às coisas; crê explicar, fixar lugares e papéis, completar o mundo. Ele se torna, primeiramente, abstrato e, em seguida, por desespero, desinteressado por este mundo, sobre o qual não possui nenhum controle real: faz dele um espetáculo claro, ou bem dissolve o real, ao qual impõe incontáveis enigmas: chegou-se a isto neste momento. Seus fracassos, essa divisão íntima (entre o pensamento e o real), são suficientes para julgá-lo (Lefebvre, 1926, s/p).

O ordenamento territorial, a logística produtiva e a lógica de fronteirização da sociabilidade colonial seriam, então, efeitos sociais e concretos dessa postura metafísica do pensamento, mas, seriam condição do próprio pensamento? A produção do espaço colonial seria, dessa forma, a expansão de uma episteme manca e violenta sobre a materialidade do mundo? A escrita colonial do espaço seria, então, a produção de uma subjetividade assassina que, como olhar colonizador que virtualiza o espaço da floresta, fixa categorias, papéis e posições em uma cena de permanente produção e subjugação de existências externas? Se, por razões de ordens técnicas ou políticas, contemporaneamente não há espaço do qual o mundo social não tenha ainda se apropriado/tocado, ou, podemos dizer, se o espaço é um espaço globalizado, haveria condições de escapar do fluxo desenfreado da produção capitalista do espaço? Como não reproduzir o olhar colonial sobre o mundo pós-colonizado?

Ao posicionarmos o problema da colonialidade dessa forma — como um problema espacial, somos convidados a rever os pressupostos sobre os quais constrói-se grande parte das análises e das críticas sobre a desigualdade socioespacial e a evolução das cidades nos países que experimentaram essa forma política. Se a histórica política assume a superação do período

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Gabriel da Cruz. O espaço coisificado: (d)escrevendo a Colônia tropical. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 25, e122521, 2025.

Submissão em: 13/01/2025. Aceito em: 16/07/2025.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

colonial por advento de outras formas devotas da noção de soberania, os efeitos da estratificação social e do posicionamento econômico desses países na economia global nos permite enxergar a resiliência das estruturas coloniais na consolidação soberana de seus Estados.

Apontamentos

A ordem colonial instaura uma semântica da violência no fluxo histórico das nações que se forjaram a partir de seu modelo político. Glissant (2021) certa vez propôs uma análise dupla sobre a *plantation*, costurando à estratificação piramidal desse regime produtivo sua condição de fuga. Com suas provocações, podemos “redecompor” o engenho. Se se trata de um modelo de gestão da carne e da terra cujos limites é proibido sair, cuja configuração territorial confinava instituições e serviços em seu interior (capela, oficina, estoques e comércios de alimentação, hospital, hospício), somos levados a pensar que justamente por marcar uma ordem tão rígida e hierárquica, o engenho cozinhava também uma lenta mestiçagem positivada. Glissant chama atenção para as manifestações orais e a permanente construção de novas línguas, numa sintaxe e semântica que misturavam elementos dos mais diferentes dialetos africanos, dos linguajares indígenas e colonizadores num ato de ressimbolização do mundo. Gorender (2016) nos lembra que:

Se nos voltarmos, contudo, à história real, ao escravo real, a dialética apresenta-se a nós como o oposto da hegeliana. Porque o escravo real só conquistava a consciência de si mesmo [...] ao repelir o trabalho, o que constituía sua manifestação mais espontânea de repulsa ao senhor e ao estado de escravidão. A humanidade se criou pelo trabalho e, por mediação dele, se concebeu humanamente — nisto reside a verdade da fenomenologia hegeliana (Gorender, 2016, p. 109).

A construção de um sistema semântico novo, para Glissant, permitiria a reconfiguração do horizonte de resistência. Mobilizando Gorender (2016), as categorias ontológicas precárias, nas quais foram confinadas as pessoas submetidas ao terror do engenho, somente seriam superadas quando a posição de subjugação ao senhor fosse positivada a partir da morte da estrutura lógica que sustenta a dominação do escravo pelo trabalho. Ao recuperarmos alguns dos estudos sociológicos clássicos de Clovis Moura sobre a dominação escravista no Brasil, vislumbramos cenas materiais desencadeadas pela resistência contra a instituição engenho e

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Gabriel da Cruz. O espaço coisificado: (d)escrivendo a Colônia tropical. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 25, e122521, 2025.

Submissão em: 13/01/2025. Aceito em: 16/07/2025.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

pelo repúdio à sujeição escravocrata. Assim Moura (2001, s/p.) introduz o papel dos quilombos: uma rota “permanente de desarticulação dos valores ideológicos e existenciais”.

Afinal, retornando à gravura do começo, se o gesto do *olhar* permite ao colonizador inserir toda materialidade que suas vistas tocam no léxico colonial, podemos “re-inverter” nossa própria análise e assumir que aquele corpo que enxerga, que assume a floresta e seus habitantes como pertencentes a uma instância da sacralidade está, na verdade, cercado por uma outra ordem — esse corpo existe na floresta, e não seu contrário: a floresta que existira em seu olhar. A categoria “quilombo” em Moura (2001) não deve ser puramente interpretada como algo que se coloca contra, como uma resistência, ao regime violento colonial. Mas sim como algo que se manifesta em uma outra semântica de escrita do espaço e da socialidade. Na fuga, é gestada e vivida a possibilidade do fim do engenho, a utopia assume uma dimensão carnal.

Se a colônia persiste como uma questão na vida política brasileira, não é devido a um ressentimento não tratado com o passado ou uma obsessão pesada, mas porque suas estruturas continuam a estabelecer posições políticas, a produzir e fragilizar ontologias e a organizar o espaço por sua métrica moderna. Esta é a pós-colônia: acesso limitado à habitação, à saúde, morte prematura, estado de guerra permanente entre Estado e facções, encarceramento, pobreza. De certo, a fuga do engenho já ocupou o horizonte da utopia. O colapso do sistema escravista, o fim da estrutura patriarcal e do horror sexual da casa-grande foram de certo gestados desde o engenho enquanto fuga da ordem social posta.

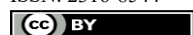
Ao realizarmos essa dobra histórica nos questionamos a relação entre crise e utopia. O que move os pensamentos e análises sobre a fuga é a realidade histórica do mundo colonial brasileiro e o holocausto racial que se deflagrou por e nesse espaço. A emancipação colonial desde o engenho deveria ser historicamente impossível. Nesse ambiente de barbárie, a fuga é a utopia viva. O que é problemático, nesse raciocínio, é que, por tradição, “a utopia é o lugar onde todos gostaríamos de viver” (Harney, 2024, p. 18). A evolução da forma política colonial não trouxe aos trópicos a efetivação do projeto ético de humanidade e pouco ampliou as possibilidades de emancipação. Hoje, travam-se permanentes embates transescalares: desde a luta pela demarcação de terras indígenas frente ao agronegócio e as permanentes denúncias por desrespeito, por parte de mineradoras e demais multinacionais, a comunidades e territórios

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Gabriel da Cruz. O espaço coisificado: (d)escrevendo a Colônia tropical. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 25, e122521, 2025.

Submissão em: 13/01/2025. Aceito em: 16/07/2025.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

quilombolas no Congresso Nacional, até o reconhecimento por quilombos urbanos em Câmaras e Planos Diretores municipais. De certa forma, a crise contemporânea pode ser lida como utopia-presente. O que seria problemático nisso é que a utopia, por definição é o lugar do impossível, onde todo mundo gostaria de viver.

Referências

BARTHES, R. **Roland Barthes por Roland Barthes**. Paris: Seuil, 1979.

BOURDIEU, P. **Sociologia Geral**. Volume 1: Lutas de classificação (curso no collège de France [1981-1982]). São Paulo: Vozes, 2020.

BOURDIEU, P. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'Água, 2003.

CARNEIRO, S. **A construção do Outro como não ser como fundamento do ser**. Tese sobre Filosofia da Educação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo. 1 ed. São Paulo, 2006.

COELHO, A. **Cidade Ademar em Partido Alto: Espaço, Hip-Hop e Recusa Negra**. Dissertação de Mestrado em Planejamento Urbano e Regional, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2024.

COLLINS. **Practical rules for the management and medical treatment of Negro slaves in the sugar colonies**. Londres: Vernor & Hood, 1803.

CRUZ E SOUZA, J. da. **Poesias completas**. São Paulo: Edições de Ouro, 1982.

DUTRÔNE, J.-F. **Compendio sobre a canna e sobre os meios de se lhe extrair o sal essencial, ao qual se ajuntão muitas memorias ao mesmo respeito, dedicado à colonia de S. Domingos**. Lisboa: Na Typographia Chalcographica, Typoplastica, e Litteraria do Arco do Cego, 1801.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu, [1952] 2020.

FREYRE, G. **Casa-grande e senzala**. São Paulo: Companhia das Letras, [2006].

FURTADO, C. **A formação econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GLISSANT, E. **Poética da relação**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, [1990] 2021.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Gabriel da Cruz. O espaço coisificado: (d)escrivendo a Colônia tropical. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 25, e122521, 2025.

Submissão em: 13/01/2025. Aceito em: 16/07/2025.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

GORENDER, J. O **escravismo colonial**. 6ª edição. São Paulo: Expressão Popular; Perseu Abramo, 2016.

HARNEY, S. Subcomuns e utopia. In: MOTEN, Fred; HARNEY, Stefano. **SUBCOMUNS**. Trad. de Victor Galdino e Bruno Amorim. São Paulo: GLAC Edições, 2024.

HEIDEGGER, M. **Questions II**. Paris: Gallimard, 1968.

LEFEBVRE, H. **La pensée et l'esprit**. *L'Esprit*, n. 1 (Maio), p. 21-69, 1926. Tradução de Bruno Siquera Fernandes, não publicado.

LEFEBVRE, H. **Lógica formal, lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

LOCKE, J. **Two Treatises of Government**. New York: Hafner, [1690] 1947.

MOURA, C. **A Quilombagem como expressão de protesto radical**. 2001. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/moura/2001/mes/quilombagem.htm>. Acesso em: 22 de nov. 2024.

SCHIMID, C. A teoria da produção do espaço em Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. **Revista GEOUSP** – espaço e tempo, São Paulo, N°32, p. 89-109, 2012.

SILVA, D. F. da. À brasileira: racialidade e a escrita de um desejo destrutivo. **Revista Estudos Feministas**, vol. 14, núm. 1, janeiro-abril, 2006, p. 61-83 Universidade Federal de Santa Catarina Santa Catarina, Brasil.

SILVA, D. F. da. Em estado bruto. **ARS** (São Paulo), [S. l.], v. 17, n. 36, p. 45-56, 2019.

SILVA, D. F. da. **Homo Modernus**: Para uma ideia global de raça. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

NASCIMENTO, Gabriel da Cruz. O espaço coisificado: (d)escrivendo a Colônia tropical. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 25, e122521, 2025.

Submissão em: 13/01/2025. Aceito em: 16/07/2025.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons